



Memorial étnico: curadoria e reparação

***Memorial étnico: comisariado
y reparación***

Ethnic memorial: curating and repair

Maria Cecília França Lourenço

*Professora Titular Sênior, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/USP, São Paulo, BRA.
e-mail revistarafau@usp.br*

Resumo

O presente estudo objetiva refletir e questionar como em momentos extremos, a envolver afronta e luto clarificam-se especificidades em escolhas, seleção, disposição, organização, acolhimento, mensagens, enfim um conjunto de operações curatoriais. A contundência das situações origina variado espaço, reunião de objetos, que longe estão de serem casuais ou apenas miméticos. Denotam fissuras e desvios importantes para se captar signos e símbolos nos lugares em que se rememoram vivências, com destaque para Memoriais, pesquisa iniciada neste ano na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, junto ao Grupo Museu/Patrimônio

Palavras-Chave: Museu. Patrimônio. Acervo. Imaginário. Ações culturais.

Resumen

El presente estudio tiene como objetivo reflejar y cuestionar cómo en momentos extremos, con indignación y luto, especificidades se clarifican en opciones, selección, disposición, organización, saludo, mensaje, de todas formas un conjunto de operaciones curatoriales. La agudeza de las variadas situaciones resulta en objetos que están lejos de ser casuales u miméticos. Denotan grietas y desvíos para recoger signos y símbolos en los lugares que recuerdan vivencias, con destaque a memoriales, investigación esta iniciada en este año en la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de São Paulo, junto al Grupo de Museo/Herencia.

Palabras clave: Memorial. Representación. Curaduría. Reparación. Etnia. Luto.

Abstract

The present study aims to reflect and question how in extreme moments, involving outrage and mourning, specificities are clarified in choices, selection, arrangement, organization, greeting, message, anyway a set of curatorial operations. The incisiveness of the situations varied, meeting space originate from objects that are far from being casual or just odorant receptors belong. Denote cracks and detours to pick up signs and symbols in the places that remember experiences, with a focus on memoriais, research started this year initiated Memoriais at the Faculty of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo, in Museum/Heritage Group.

Keywords: Memorial. Representation. Curatorship. Repair. Ethnicity. Mourning.

INTRODUÇÃO

*O caos é uma ordem por decifrar.
José Saramago (2002, p. 71)*

A denominação memorial¹, neste estudo, alude à instituição direcionada a rever algo a ser recordado, esclarecido e difundido, acontecido com ampla, ou mínima, parcela societária, expresso por projeto curatorial, aparentemente coincidindo com museu. Memorial também dialoga com antimonumento, pois ambos registram fraturas, esquecimento ou resíduos encobertos pela História. Logram debater e propalar ações, posições e representações², essenciais para preservar, o que um setor entende como

¹ Memorial teria como etimologia latina a palavra *memoriālis*, surgida no século XIV (Cunha, 1982, p. 512), ligada à memória, ao digno de tributo, ou memorável, ao que ajuda a lembrar; registra algo como pessoas ou fatos dignos de não se esquecer e requer ser propagado, por parte daqueles responsáveis.

² Representações neste texto baseia-se nas proposições de Roger Chartier (1990).

essência, estirpe e dolo aos antepassados, avaliação nem sempre partilhada com sinal positivo pelos habitantes locais. Ensejam discursos e se deseja debater tal conteúdo, substrato engravado no tributo, mas nem sempre proferido. Quando se abordam levas humanas em trânsito, não se pense em algo longínquo e inexistente, porquanto ainda permanecem vivamente hoje.

Graves entraves incidem na concepção de curadoria para memoriais étnicos e políticos³, com vistas a relatar caminho sombrio, antes e agora trilhados. Resta muito ainda para se repensar no tratamento a imigrantes, embora haja pleitos por perdão de estado e religião⁴. Em particular no enfoque de episódios unidos à escravidão, servidão, cativeiro, tortura, hostilidade, desaparecimento, linchamento, desabono, discriminação, enfim, conflitos iminentes a clamar por ordem e racionalidade para decifrar o caos, acrescente-se, oculto, à epígrafe acima. Como compendiar situações extremas em forma e espaço? Quais as primazias para sensibilizar novas gerações para que não protagonizem tais atos violentos, quando em ocasião confortável?

Opções precisam ser feitas com critérios, tanto no continente edificado, quanto no interior, para causar trocas com distintos espectadores, sempre respeitando sua capacidade e autonomia no pensar. Entre uma ideia e a fruição final há longa via decisória, a ser compartilhada com outros segmentos, seja o de ofício, seja aquele diretamente relacionado ao mote memorialístico. Ao contrário do que se vê, no lugar de aglutinar dezena de explicações, formas e arrumações, mostras agenciam criação no design expositivo; documentação, identificação, organização e preservação relativas aos objetos; projeto espacial no design de suportes, etiquetas, material produzido e em textos. Estes abrangem debater problemas em múltiplos ângulos com intento

³ O termo étnico aqui segue auto denominação utilizada em museu, marco e memorial pelo mundo e associa-se aos fatores em comum encontrados em determinados grupos sociais.

⁴ O Papa João Paulo II ao celebrar missa em Santo Domingo, capital da República Dominicana, relativa aos 500 Anos da viagem feita por Cristóvão Colombo para a América (1992), pediu perdão pelos crimes da Igreja contra antepassados latino-americanos, seguido por outros, na mesma direção.

de se atingir questões da atualidade, ainda veladas ou descartadas, sendo o amplo processo, neste estudo nomeado por curadoria.

O termo curadoria antes se achava restrito ao circuito artístico cultural e ligado à aptidão, conhecimento, harmonia e tirocínio. No entanto há muito modificou-se e vem assumindo espessura conceitual aqui defendida. Lembro algumas a seguir: operação complexa e de captura, que pode interceptar memórias rompidas e repatriadas; resquícios emergidos de outros tempos e latitudes; decisões corajosas, derivadas de enfrentamentos diversos a incluir interlocutores e financeiros; sensibilidade para vazar interditos e senso comum; preparo e sabedoria para orientar arranjos inéditos de conjunto curatorial humano e material; assegurar argumentos em fricção e suficientemente modelados, interrogativos e propositivos. Tal processo requer diálogo com frações marginalizadas e público distinto, sem diminuir a capacidade de interlocutores. Enfim, curadoria é *projeto* em seu senso mais profundo: tributa o ejetar, ensejar salto e transformação.

A credibilidade atingida mudou, neste Século XXI, para uma espécie de altivez, soberba, onipotência, autoridade e distinção, desdobrando-se a outros campos. Assim curadoria adentrou à seara do marketing pessoal e espetacularização nas ações, bombardeado pelo consumo, o que gera embaralhamento entre cultura com mercado. Aquele projeto curatorial museal e em demais órgãos ao efetivar exposições e em face da premência em captar recursos percorre também meandro financeiro, seguro, transporte, dito prego-a-prego e terceirizados, não raro abarcam quantias de monta. Outras autorizações advêm no âmbito tecnológico, a exigir pagamento por uso de imagem ao autor, entidade e/ou descendentes, quase uma indústria de carimbos, compadrio e dispêndio financeiro, chegando até a flertar com a tal sociedade do espetáculo midiático. Entretanto coincidências param aí.

Equivoco se alteia quando o termo passa a tais *experts*, que definem produtos pretensamente singulares com aura de raridade. Assim surgem pessoas associadas a tal suporte por assinatura, a abranger desde livros para crianças a

produtos exóticos, por vezes por excesso de trabalho, ou mesmo, por simples comodidade. Em outro extremo, posiciona-se o consumidor que almeja distinção pela aquisição estimulada por apelos comerciais, de ditos “curadores” na condição de notórios peritos⁵. Abraçam inúmeros tópicos de uso e banalizam o papel editorial, pluridisciplinar, seletivo e intertextual, imperiosos no fomento de ação cultural. Sim, o sentido etimológico de curadoria desdobra-se em muitas acepções: todos curam, cuidam, exercitam-se em funções como as de curandeiro, tutela, cura ou sacerdote, mas com foco, intenção e entrega final distintos.

Diferentemente ao se efetuar na área de curadoria em memoriais lida-se com ranhuras, desde outrora, em múltiplo espectro, a acrescentar, vítimas de terrorismo estatal, preconceito, racismo, fundamentalismo em princípios, ou outras excrescências, ainda insepultas e pulsantes. Frequentemente, estas narrativas jazem adormecidas, ou mesmo, eliminadas, até mesmo em história recente, como o holocausto de judeus em campos de extermínio. Apenas após a reunificação alemã clamou-se por talhar no espaço urbano tal esquecimento, cabalmente ignorado como se nada ocorrera. Contudo tal amnésia proposital pode ser reparada por meio de memoriais. No dizer de Jacques Le Goff “[...] os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva” (1992, p. 426).

Analisem-se as escolhas, no Memorial aos Judeus Mortos na Europa, de autoria de Peter Eisenman (1932) construído em Berlim/ ALM, por formas inseridas acima da Linha de Terra, enquanto, em seu interior escavado, preservam dados e testemunhos materiais, dando a impressão de se adentrar em profundezas obscuras. Eisenman projetou na superfície paralelepípedos minimalistas em díspares escalas e cinzas, como o solo. Resultou em ampla

⁵ Entre estes como informa site do *Jornal do Comércio*, RS, há “[...] assinatura de azeite de oliva (Clube do Azeite) até cosméticos para mulheres negras (AfrôBox), passando por serviços de entrega programada de cafés especiais (Grão Gourmet), produtos *geek* (Nerd ao Cubo, Omelete Club), pães (Los Paderos), ingredientes para drinks (Meus Drinks), produtos voltados à academia (My Sport Box), pet shops on-line [...]”.

perspectiva horizontal no enquadre da paisagem urbana e entorno. Dominam-se as formas, quando na altura dos olhos, porém emerge sensação de sufoco nas mais longínquas e altas. Dispensa-se desta maneira as tais plaquinhas explicativas e, ao contrário, produzem solenidade direta, a par de esboçar algo lúdico e divertido, para as crianças a contornar de bicicleta.

Opera em variadas leituras em tempo e espaço, pessoas emocionadas ao percorrer a obra, que sinalizam ao visitante desavisado luto feito por simplicidade, rito, sutileza e gravidade no conteúdo - assassinato a determinado segmento étnico humano. Nesta era do espetáculo em que sobram cromatismo fascinante, formas sedutoras, soluções reluzentes e charmosas na eleição de detalhes, objetos cintilantes, vidro em excesso a duplicar o céu, efeitos luminosos e visita célere, este Memorial fundamenta-se no contrário. As soluções estampam dor, agonia, pesar e repulsa à falácia de alguns ao exterminar o humano.

Não obstante, Eisenman, o arquiteto e professor transborda em ensinar lições ao dispor, de forma incomum tanto o espaço interno quanto externo, valendo-se do primordial, geométrico, repetitivo, rotineiro, invariável, único, opaco, facilmente corrompido pelos agentes naturais, como chuva, e sol, dando lugar a mancha, limo e musgo, derivando solução curatorial solene e reflexiva. Outros memoriais trabalham não nesta síntese, mas naquela proposição de ir adicionando, mais e mais, para rerepresentar o passado e não encará-lo com astúcia. Desponta brilho fácil parecendo alhear dores a status enobrecido, fugidio e utópico, porquanto dificilmente retornará. Neste último, no lugar do *Menos é Mais*⁶, impera exatamente o avesso, clamando por curadoria assertiva, capaz de eleger unidades, com rigor e emoção, para representar o que o tempo tentou em vão encobrir.

⁶ Expressão cunhada por Mies van der Rohe (1886-1969) na defesa de formas elementares e despreocupadas com decorativismo primário.

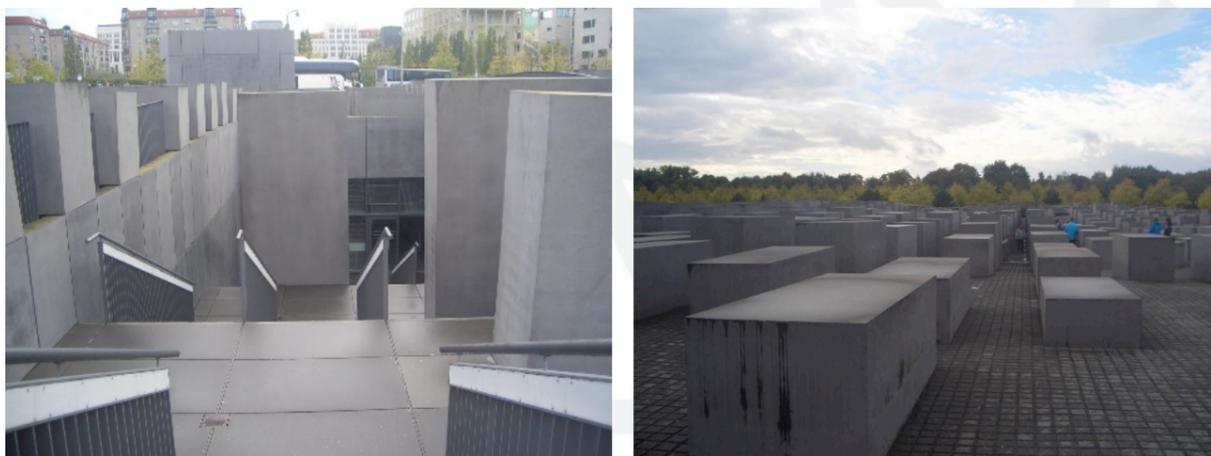


Figura 1 (esquerda) Peter Eisenman. Memorial aos Judeus Mortos na Europa.
Figura 2 (direita) Entrada. 2003-4. Foto A. set, 2014

Transcorridos anos de tais hecatombes, as feridas abertas em profundo grau conquistam curadoria em memoriais⁷. No caso de povos transplantados, iniciam-se esforços reparatórios para se iniciar projeto, transcorridos anos desde a chegada dos primeiros habitantes, em período crítico. Em comum se dá quando despontam no horizonte perspectivas transformadoras, vislumbrando-se, erroneamente, que a humanidade aprendeu a lição e esta mácula não voltará, a evidenciar a atrito com o ambiente local. Este momento luminoso coincide com afirmação de datas, efemérides, feriados, celebrações, ainda assim, eivados por consternação, luto e reposição de ordem lastimavelmente apresentada por natural.

Investigar bastidores para levar adiante curadoria em memoriais na chancela - “Nunca Mais” -, escancara becos nublados do humano na relação com muitas etnias a compor a nação, juntamente com processo curatorial pleno de angulosidades a serem transpostas. Alguns memoriais centralizam-se na figura feminina, papel desempenhado em resistir, prover e manter a família unida

⁷ Atente-se que o de Berlim, concretizou-se após mais de meio século, da data em que se convencionou adotar com fim da contenda bélico-financeira da II Guerra Mundial (1945).

em torno da alimentação. Estas e outras representações vêm sendo alvo de estudos para titulação acadêmica, constituídos por pesquisa alentada sobre simbologias distintas daquela fixada para se festejar vulto histórico⁸. Interessam também para desnudar penúria e anomalias, esperando-se contribuir para alertar a existência de narrativas enrustidas, a dissimular favorecimento a poucos, em especial em falas conservadoras, que tentam enobrecer o capital e discriminar alteridades. Estas se espalham nas Américas, Europa, Oriente, Ásia e África. Bastaria nomear aqueles mais próximos nas Américas: Argentina, Brasil, Colômbia, Equador, Peru e Estados Unidos.

Se museus, com lastimosas exceções⁹, não disponibilizam peças da coleção para comercialização da cultura material salvaguardada, já em auto nomeados memoriais e voltados à cultura étnica se dá o contrário, com objetos à venda, no comum, em lojas específicas como o de Riga/ Letônia, vendidas por descendentes vestidos com roupas típicas, outro traço habitual. Singularidade apreciável nos memoriais se dá com a difusão gratuita da língua, técnicas, métodos e materiais, em cursos abertos a toda comunidade, o que em tempos da mundialização aproxima, estreita e alarga afinidades com o meio. Igualmente servem de apoio religioso, artístico, financeiro e laboral aos membros, como as associações de auxílio mútuo nascidas no entre guerra.

⁸ Dentre tantas menciono investigações alentadas, em mestrado, sobre as figuras femininas de Anna Maria Abrão Khoury Rahme, (2000); e sobre as dificuldades para aceite da obra, a de Mário Augusto Medeiros da Silva (2011); bem como em doutorado, Silvio Luiz Lofego (2002).

⁹ Ao contrário do recomendado por órgãos nacionais e internacionais sobre comercialização de obras de coleção pública, foi vendida a de Jackson Pollock (1912-56), N° 16 (1950), da série histórica doada por Nelson Rockefeller para formar coleção inicial do Museu de Arte Moderna/ RJ. Mesmo com contundente manifesto assinado por artistas, crítico e demais estudiosos e depois de tentativa frustrada a Casa de Leilões Phillips/ NY, colecionador do Rio de Janeiro arrematou-a. A Casa divulgou em 1.2.2019, que vendera, sem precisar por quanto. Notícias na imprensa estimam que teria atingido US\$ 13 milhões, embora na frustrada tentativa anterior (2018) se falasse no dobro.



Figura 3-Museu ao Ar Livre de Riga/Letônia aberto em 1939 com seis casas. Foto A. 2015

Cabe registrar repúdio à história dulcificada, quando, em 2012, foi aberto memorial na cidade de Nantes/ FRA, sede e negociação no comércio de escravos, segundo registros, desde o Século XVI¹⁰. Portugal avaliado como um dos mais duradouros e pioneiros no escravagismo, ao mesmo tempo tem refletido sobre o encobrimento deste fato e de forma incomum. Por meio de votação anual sobre orçamento participativo da Cidade de Lisboa 2017/2018, a municipalidade aprovou apelo formulado pela Associação de Afrodescendentes/ Djass para se implantar na orla do Rio Tejo, próximo à Praça do Comércio, Memorial¹¹. Vale lembrar que em 2017 Lisboa foi sede das comemorações denominadas “Capital ibero-americana”¹² e como antes se

¹⁰ Segundo se divulgou em estudos sobre os arquivos situados em Nantes “[...] Os primeiros escravos foram retirados de Goree em 1536, e o comércio continuou pelo menos até 1848” (French, 1998).

¹¹ No início de 2019 não se constatou veiculação de projeto ou inauguração dessa bela intenção, sem resposta para consulta direta aos envolvidos.

¹² Como fixaram em site, entre as narrativas criadas visaram registrar passagens e presenças de “[...] afrodescendentes transportados para as Américas [...] através dos objetos que aqui foram

registrou, uma série de iniciativas museicas marcaram tal revisão, encarando parte turva da História¹³.

O período sinistro até hoje suscita consequências, cabendo curadoria para elevar memorial a apontar desvios e sublinhar o quão lesivo se mostra tal postura com imigrantes. Sublinha-se que, enfim, somos todos estrangeiros, desde o período nômade, à cata de água e alimentos, até a fixação em glebas. A vaga de povos em trânsito sugere a abordagem do tema, sempre com muito embate polarizado. Ilustra tal necessidade a abertura, a 26 de abril de 2018, do Memorial Nacional pela Paz e Justiça, em Montgomery, Alabama (EUA), área usual a achincalhar negros com agressão cotidiana. Com ampla divulgação, não apenas local, veiculou-se obra formada por 800 lajes, alusivas aos territórios em que se deram linchamentos, naquele país, nos anos 1877-1950.

Ao se agregar fundos, transbordam questões, na carência por curadoria hábil e multidisciplinar. Entretanto imiscuem-se no argumento querelas de grupos em disputa, tensões e confrontos, a acarretar atrito, repúdio e formas reflexivas, logo, avessas a elogios piegas. Em cada lugar combates sagram motes para reunir e dispor à fruição pedaços sobrevividos a tempo e espaço distantes, o que de *per si* exaltam ou execram, ação humana censurável. Nesta última categoria, grife-se a série brasileira designada, “Pessoas imprescindíveis”, mortas ou desaparecidas por terrorismo de Estado na Ditadura civil-militar (1964-85), aqui e em uma série de países da América Latina.

A curadoria como demais dispositivos¹⁴, se faz imprescindível em instituições destinadas à preservação de múltiplas memórias, diante de todo processo, a

deixados, vocábulos, topónimos; o mesmo se fará relativamente à presença dos latino-americanos migrantes dos dois lados do Atlântico [...]”.

¹³ Ao selecionar o que comporia as comemorações elegeu-se como tema geral: “Tráfico de escravos: memória africana” segundo assinalou-se, para conferir lugar a parcela omitida, como a escravização de chineses de Macau e africanos, como se buscou debater no texto inserido na *Revista ARA 5*, cujo título é “Museus: riscos e riscas”.

¹⁴ Dispositivo para Giorgio Agamben seria “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (2009, p. 40).

envolver seleção sobre o que será oferecido ao olhar, quais formas e materialidades logram representar o conteúdo, mas também o que não se exporá. Compreende então desde preferências funcionais, entre as quais, em que posição, luz, escala, textura, cromatismo, a par de se capacitar para guiar argumentos, suavizar ou realçar arestas, enfim direcionar a recepção para enredos, que se deseja convencer. Quando se enfocam debates sobre povos caminhantes, determinadas perguntas precisariam ser reiteradas: por que saíram, quais as opções abandonadas, contra o que se insurgiram, haveria outra saída para uma vida digna, como contornaram as barreiras? A análise de fricções agudas em relação a problemas ligados à reserva com o estrangeiro se comprova em problemas para se efetivar marcos, como se buscará questionar.

RUGOSIDADES EM RELAÇÕES CRUZADAS

Chamemos rugosidades ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos.
Milton Santos (2008, p. 140)

Museus, memoriais, marcos étnicos invocam a memória em fricção por meio de processo curatorial múltiplo a envolver objetos, natureza, fazeres e proposições, dignos de serem lembrados, ou reveladores de sentimentos amargos, citem-se angústia, humilhação, discriminação, apreensão, repulsa, revisão para fincar prejuízo e realçar fricções antes firmadas. Etnias marginalizadas em certo momento, abordam rugosidades ativas, nauseantes e advindas de outros tempos com distintos arranjos, encravados em formas, espaço construído e paisagens, para relembrar Milton Santos.

Nesse sentido, embora memorial igualmente se refira à preservação de cultura material ou imaterial, diferencia-se do museu pela rugosidade, seu caráter eminentemente monográfico, trágico ou dramático e, não raro, baseado no viver étnico, afora os voltados às personalidades, que não se constituem em

exame nesta abordagem. Militam por abalizar, refletir, conjecturar e assinalar equívocos, ficando mais nas ideias fora do lugar, referidas acima, chegando até, mesmo, eliminar objeto da coleção, optar por apreciação contemplativa à distância, ou mesmo alterar o enfoque empregado no dispositivo curatorial.

Os esforços para se erigir memorial na condição de ato público para desacato, ou tributo emanam daqueles que atuam na defesa e mantêm laços com tais raízes. Baseiam-se em testemunhos, lembranças, desejo de justiça, prestígio, luto e pesar, desde a esfera local até a internacional, a determinar edição curatorial para diferenciado público, como há séculos fazem os museus. Acolhem-se questões, a compreender, fato histórico, ético, moral, religioso, político, étnico, artístico, ora para entender supressão histórica; mas, por vezes, para assinalar erros de que foram vítimas. Algo singular incide na esfera de alienação relativa às formas nem sempre salvaguardadas de venda¹⁵, o que embaralha museu e memorial, como se verá a seguir.

Bastante expressivo para se reiterar o valor de dispositivo curatorial singular sobre partes da História, em memorial ou museu, encontra-se em Gabrovo, Bulgária: o Museu ao Ar Livre de Etnografia e Arquitetura/ Etar sito no Parque Bulgarka a 8 km da cidade. Casas foram buscadas pelo território e anexadas em 1964 pelo pintor e etnógrafo, Lazar Donkov (1908-76), primeiro diretor, no momento em que o país se encontrava sob o domínio da então União Soviética. Desta maneira estudar o povo soaria oportuno e desejável. As escolhas em Etar provieram de técnicas cunhadas nos Séculos XVIII e XIX, o chamado, Renascimento Nacional¹⁶.

¹⁵ O Conselho Internacional de Museus/ Icom em sua Conferência Geral de Barcelona/ ESP (2001) criou o Comitê Internacional de Museus Memoriais/IC-MEMO, indicativo da abundância de tal instituição.

¹⁶ O domínio Otomano do que na atualidade se denomina Bulgária ocorreu, para alguns, desde 1382 com a conquista de Sofia até a Independência em 1878. Com o enfraquecimento do poderio acentuam-se folclore, artesanato e religião subordinada à Igreja Cristã Ortodoxa, como postura de oposição política, daí o termo Renascimento Nacional.

Donkov propôs um museu ao ar livre¹⁷, como se veicula no local, por entender que nas exposições, até então, o visitante não havia tomado contato “[...] imediato com o passado. Foi assim que cheguei à ideia de estabelecer um museu ativo ao ar livre [...] para que o passado se tornasse visível, fácil para percepção e compreensão e a vasta riqueza nacional mantida”. (1968). Note-se que estava sintonizado às demandas de seu tempo sobre tais museus¹⁸ e, também, com narrativa propícia à aceitação em variada escala. Lembre-se, aliás, que o museu vigora, até o presente momento, embora a política tenha recuado para linha conservadora, menos porosa à crítica e atrito.

Sob a direção do artista constituíram investigações para localizar antigas habitações pelo território, desmontadas e reinstaladas, observando-se os marcos diferenciais e, em grande medida, conservando telhas de pedras, que garantem conforto térmico e durabilidade. Casas de duplo andar com a parte inferior dedicada ao comércio, ação primeira quando da chegada de imigrantes, para prover, trocar e comercializar produtos. Singular se evidencia a prática operativa, atualizando-a com venda de peças aos visitantes oriundas de ofícios, a contemplar do pão à ourivesaria, trajes e tapeçaria, como algo em movimento e ligado ao presente.

Giorgio Agamben no texto *O homem sem conteúdo* (1994) relaciona peças em museus de arte e galerias como uma espécie de matéria prima estocada em armazém, para ser disposta à visita, evocando arte e galerias. No entanto contraria-se em Etar o conceito desenvolvido em *Profanações* de que museu promove a suspensão do uso, passando a cultura material à categoria de inapropriável, ou seja, quando as coisas “[...] não se podem tornar objeto de

¹⁷ Em pesquisa universitária se afirma que o primeiro projeto foi realizado na cidade de Skansen, na Dinamarca, em 1891, com o propósito de mostrar o modo de vida em diferentes partes da Suécia (Kanashiro, 2006, p.241). Outro museu a céu aberto, porém anterior (1881) surgiu em Oslo/ Noruega, desde 1907 nomeado *Norsk Folkmuseum*. Como informam no site oficial, deveu-se ao Rei Oscar II, que financiou a mudança de cinco casas para o local sendo “[...] estabelecidas na Residência de Verão em Bygdoy [...]”.

¹⁸ Vale reiterar a Declaração de Genebra/ Icom (1956): “Consideram-se Museus a Céu Aberto aqueles cujos edifícios originais retratados não estejam mais disponíveis e as cópias ou reconstruções sejam feitas de acordo com os métodos científicos mais rigorosos”.

posse [...]” (2007, p. 72-3), mantendo-se separadas da vida, aproximando-se em espaço e função de templos. Quando da visita em 2016 constatou-se que exibem materiais, ferramentas e técnicas de então, com ênfase no uso e produção, com base em água como força motriz, algo muito atual.

Ao ser aberto (1968), então, cotejaram o tempo corrente com Renascimento Nacional, quando o nome búlgaro gravou-se em título de livro como o sempre lembrado, escrito pelo monge Paisii Hilendarski (1722-73), de 1762, em que se utiliza deste termo (Daskalov, 2004, p. 32)¹⁹. Naquela época firmaram-se escolas seculares em mosteiros, para formação e educação popular, sendo simbolizado no museu com ação de ambas, além de outras construções típicas, como chafariz, pontes, igreja, relógios, café.

Elegeram como princípio curatorial o fazer artesanal, renovado quando do citado Renascimento Nacional, revigorado e comercializado no Etar, a abalar a aura de raridade. Entre tantos, encontram-se talha de madeira, ícone cristão ortodoxo em tilo e cipreste, peças em cobre e prataria, olaria, ferro forjado para uso doméstico, agrícola e em ritos, ourivesaria, tecidos, bordados, vestes, sapatos, teares, tapetes de lã de ovelha e de cabra, cerâmica, instrumentos musicais, padaria, confeitaria, fabricação de telhas especiais e métodos construtivos para edificações de muitos segmentos societários.

¹⁹ Em 1877-8 russos expulsaram turcos e assinaram Tratado de Paz, dividindo-a em 6 regiões como Principado Búlgaro, regido por czar, unidas apenas em 1885. Independência em 1908. Já em 1946-89 torna-se República Popular Soviética, com a Queda do Muro se destitui Todor Zhivkov, líder do Partido Comunista desde 1954. País ingressa na UE em 2007.



Figura 4-(esquerda) Totem de entrada; Figura 5-(direita) Casas com ofício e comércio no térreo; Fotos A.set. 2016



Figura 6- produção de peças em ferro no local e 7- Monjolo com realce ao telhado. Museu ao Ar Livre de Etnografia e Arquitetura Gabrovo/ Bulgária. Foto A. set. 2016

Em épocas posteriores à inauguração, outras construções foram sendo cunhadas, como a Igreja da Epifania, réplica de outra, datando de 1868 na aldeia de Radovtsi, município de Dryanovo, erigida no período, 1998-2004, após dois anos consagrada. Pequena escola reporta-se à existentes nos conventos, estando ambas em uso, com culto e trabalho educativo local e para visitantes. Oficinas igualmente valem-se desse recurso e, como informam no Etar, reproduziram mais que centenárias atividades, de modo a lembrar ofícios

manuais²⁰. Embora este seja designado museu instituem algo similar a memorial étnico dos búlgaros por meio de ofícios tradicionais em ação, aplicados ao artesanato exposto e comercializado.

CURITIBA: ETNIAS EM MEMORIAIS

As formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais 'representantes' (instâncias coletivas ou individuais singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe.

Roger Chartier (1991, p. 21)

As representações de povos afastados de seu território natal residem em percepções sociais, lembranças de viagens, mas particularmente, embate com valores locais, tempo e geografia. A par de firmar a essência do grupo, as mutações operadas tentam reconhecimento relativo ao inegável subsídio legado pelo segmento à pátria eletiva. Assinale-se que no caso de formas propostas como testemunho de entraves estas reacendem discursos inflamados, destarte nem sempre generosos e amenizados, motivando novos choques, a depender de fatores da época, como se constata lamentavelmente, por se encontrarem novamente em curso.

Analisar curadoria em memoriais étnicos, nesta oportunidade, recaiu naqueles de Curitiba/ Paraná, em que imigrantes aportaram após a elevação desta a Província, em 1853. Fundam algo muito atraente para se refazer o percurso e simbologias em jogo. A instalação em parques, dentro de um programa de estado vem atraindo a presença de frequentadores locais assíduos, havendo festas, festivais, exposições, cursos sobre culinária e ensino gratuito da língua. Igualmente enfrentam-se conteúdos em fricção, quando falam de preconceitos, lutas e resistência, em especial em estudos realizados após a

²⁰ Documenta a afirmação, a Oficina de curtume no museu espelhada em outra de 1865-1870 em Gabrovo, cujo proprietário fora Ilvan Ivanov Golosmanov.

criação destes. A maioria nutre relações com o entorno e a natureza, cultivam plantas locais e cultura ancestral, indício a sinalizar abertura vital para assimilar novos hábitos e difundir os seus.

Raros os não rodeados pelas matas paranaenses como o Memorial Árabe, que data de 1996, cercado por espelho d'água, estabelecido próximo ao Passeio Público, Colégio Estadual, Shopping e edifícios, motivando grande circulação de transeuntes. A base da ação cultural concentra-se na Biblioteca, logo ligado à Secretaria da Educação, enquanto os demais são municipais, em parceria com associações étnicas, aqui o Centro de Pesquisa América do Sul – Países Árabes. Composto por numerosos títulos na língua original e outros em português, como também por obras de arte, tapetes e objetos reunidos por descendentes, adornado por vitrais. A arquitetura aproxima-se de cubo, a conter abóboda, arcos e vitrais e no exterior pintado de vermelho, com ares contemporâneos. Contrasta com outros em harmonia com a natureza, entre estes os dedicados a japoneses, alemães e poloneses.



Figura 8: Portal Memorial Ucrainiano; Figura 9-Memorial Árabe. Fotos A. nov. 2018

A história imigratória brasileira, em especial no Sudeste, adveio em significativa proporção, após a nomeada “Libertação de Escravos” (1888)²¹, quando se procurou nova mão de obra e tecnologias, ou no período de entremeio das duas Guerras Mundiais, com apelo de colonização de terras. Por outro lado, condição de escassez, penúria e falta de perspectivas colaboraram, desde o século antepassado, na vinda de imigrantes europeus, africanos e asiáticos. Provenientes de locais de tradição não latina e mesmo estes, traziam costumes, línguas e cultura diferente da local, derivando empenho, muita garra, ajustes, acomodação, socorro mútuo e adequação ao novo ambiente. Formaram laços e descendentes e no derradeiro Século XX surgiram solicitações para instauração de Memoriais dedicados a povos.

Acompanhando-se Maurice Halbwachs (1877-1945) quando ressalta a importância da memória coletiva, em que se inserem as lembranças sociais e individuais, resulta no debate sobre uma série de desafios a atrelar povos com foco nas múltiplas populações aportadas no país, centrando-as em Curitiba. Tomoo Handa (1906-96) artista, jornalista, estudioso deste tema, comprometido em unir os demais, em vários depoimentos sempre lembrava o primeiro fator a unir colonos remetidos diretamente para a lavoura. Para além de fala, religião e comida, duas marcas ganham relevo em seu olhar sensível ao comparar hábitos de seus conterrâneos e os aqui encontrados: a lavoura local era feita em contato direto das mãos, pois, não usavam luvas em respeito à natureza, como os nipo brasileiros e não lustravam as mesas em sinal de júbilo pela vida, nem ao menos ao receber tanto dela²².

Por vezes assentados em regiões distintas e com afazeres extenuantes pouco tempo sobrava para iniciativas a integrar trabalhadores, de modo a continuar ou compor identidade. O que conservavam era a continuidade no uso da língua e pratos na culinária, ao lado de festas religiosas, folclóricas e cívicas trazidas do Japão, levadas com discrição e certo espanto dos locais. Estas

²¹ Grande leva de ucranianos chega em 1895.

²² Depoimento à A. em 6 out. 1982.

atividades avizinham-se do que Halbwachs nomeia, memória coletiva. Em seu dizer esta “[...] é um quadro de analogias e é natural que ela se convença que o grupo permanece, e permaneceu [...]” (2004, p. 83). Cada memória individual depara-se com as demais a formar o tal *quadro de analogias*, em que se procura desenhar pontos de contato, mesmo diante de fazeres tão diferenciados, para os quais haviam se preparado no país natal.

Outros imigrantes, além destes fatores referidos já no caso dos nipo-brasileiros, sofreram ante certa segregação e isolamento²³, funcionando a religião cristã como ponto de encontro e apoio para enfrentar a nova realidade. Desenhou-se, então, outro *quadro de analogias* diante de uma fé religiosa, a ligar contendidas, em meio a tantos portugueses, italianos, poloneses, ucranianos ou alemães. O escopo de resignação e aceitação de desígnios divino, propalados pela doutrina, talvez servissem mesmo como aproximação da cultura local.

Algumas iniciativas para erigir memoriais coincidiram com as modificações projetadas para firmar a imagem de Curitiba como uma cidade avançada, ecológica e plena de verde para o transeunte em parques, programa elaborado durante as inúmeras gestões de Jaime Lerner (1971-5, 1979-1983 e 1988-1992). O pioneiro configurou uma tipologia, sendo pensado no sentido de oportunidades, quando da visita do Papa João Paulo II (1920-2005), polonês, daí o Bosque levar seu nome, embora conhecido como Bosque do Papa. Inaugurou-se o Memorial da Imigração Polonesa/ MIP, em dezembro de 1980.

Entre as questões curatoriais assinalem-se espelhamento na arquitetura de onde vieram, produção e venda de comidas e artesanato local, comercialização de pêsankas, ovos pintados à mão com filigranas, bosque supervisionado por

²³ Entre outras questões a formulada por Otávio Ianni em entrevista a Alfredo Bosi (11.12.2004) reitera estudos anteriores, por ele realizados em 1958, que rebateram a noção de *democracia racial* no Brasil, ao abordar o tratamento dispensado aos imigrantes poloneses no Paraná. Afirmou então que em investigação ouviu a seguinte afirmação “Aqui não há negros” e acrescentavam uma fala fatal: “o nosso negro é o polaco”. Isto é, inconscientemente, eles assimilaram o preconceito que os alemães desenvolveram na Europa contra os poloneses”.

paisagista, este como divulgam, teria sido por Roberto Burle Marx (1909-94), que propôs preservação de mata nativa, replantio de araucárias e também plátanos, no terreno de 48 mil m², ocupado inicialmente por fábrica de velas. A concretização, além da Prefeitura, se deveu a Missão Católica Polonesa no Brasil, em 1953. Seguiu-se à gestão de Jaime Lerner a do prefeito Rafael Greca (1993-1996), que acolhe o desafio em dar sequência aos memoriais étnicos²⁴.

A curadoria no MIP como outros semelhantes formou-se por meio de símbolos e marcas identitárias, compartilhadas por extenso segmento, de modo a se construir as *analogias*, tanto no tocante à cultura material e às práticas habituais, quanto nas sete casas feitas por troncos de pinheiro, apenas encaixados, dispostos horizontalmente e com telhados de duas águas, para proteger a entrada e a proximidade entre estas. Na maioria, provêm de colônias ocupadas por poloneses, no estado paranaense, especialmente a de Tomás Coelho/Município de Araucária/PR, ao se constatar que se encontravam em via de serem alagadas pela edificação da barragem no rio Passaúna, como indicam estudos sobre o tema.

Poloneses como os demais modificaram a cena local com muitas contribuições, além de terem povoado áreas, delineado o espaço até como forma aproximativa ante o entorno, em que faziam plantações para demandas da capital, de modo que a natureza como espaço comum tem a ver com os primeiros tempos. Logo na entrada ao passar a Ponte do Rio Belém, implantou-se a capela, valorização da religião, proveniente da Colônia Tomás Coelho, deslocada primeiramente ao Estádio Couto Pereira, em Curitiba, para que o Papa rezasse missa (julho de 1980) (Issberner, 2016, p. 38). Seguiu então para o Bosque, sendo dedicada à Padroeira da Polônia, Virgem Negra de

²⁴ Mencionem-se os seguintes: Memorial da Cultura Japonesa (1993 - Praça do Japão), o Memorial Ucraniano (1994 - Parque Tingui), o Memorial da Língua Portuguesa (1994), o Memorial de Imigração Alemã (1996), o Memorial da Imigração Árabe (1996 - Praça Gibran Khalil Gibran) e o Memorial de Imigração Italiana (1996 - Bosque São Cristóvão).

Czestochowa²⁵. No centro reside um palco para exibição de danças, programadas em datas e comemorações específicas²⁶.

A primeira leva de imigração polonesa, segundo a tradição, incide na cidade de Brusque/Santa Catarina em 1869, alargada para o Paraná em 1871²⁷. Famílias em ambas se instalaram, dedicando-se ao cultivo de lavoura e, ao serem assentadas em Curitiba, buscaram terras próximas à capital. Estes e outros subsídios se acham registrados na Revista digital, *Polonicus*, uma defesa contundente, crítica e questionadora sobre as condições e contribuições dos poloneses, a denotar esforços para superar obstáculos na relação com o lugar. Cabe advertir que já em 1892 outra publicação foi criada, *Gazeta Polska w Brazylii* (Jornal Polonês no Brasil).

Protestos estampam barreiras para se constituir no país, como registram, ao se instalar no solo “[...] embora livre, o imigrante estava isolado. Sofreu as amargas frustrações da inexperiência, da desorientação agrícola, do abandono oficial [...]” (Assis Filho, 2012, p. 46), como aludem diversas obras. Por outra face constatam-se detalhes e a originalidade do processo construtivo, quando se informa tratar de algo característico da Europa Central. Esclarecem que o “[...] tronco era cortado e aparado, de forma a que sua secção fosse retangular, transformando o cerne em peças utilizadas para a construção das paredes, das vigas de sustentação dos assoalhos e dos requadros para portas e janelas” (Idem, 2012, p. 64-5).

²⁵ Há também as seguintes: 1) Loja de artesanato e espaço administrativo; 2) Posto da guarda municipal e armazenamento do MIP; 3) Museu da Habitação, casa vinda da Colônia Muricy (Município de São José dos Pinhais), como documentam várias fontes oficiais; 4) Paiol depósito para uso interno; 5) Exposição de materiais agrícolas; 6) Casa de eventos e exposições temporárias, as três últimas da Colônia Tomás Coelho (Issberner, 2016, p. 40-4)

²⁶ Como se informa no site da Fundação Cultural de Curitiba, gestora deste Memorial, entre as festas estão “*Swieconka*” (Benção dos Alimentos), no Sábado de Aleluia; casamentos; data da visita do Papa a Curitiba, em julho; a festa em homenagem à Nossa Senhora de Czestochowa, em agosto, e o Natal polonês, em dezembro.

²⁷ Significativa contribuição e bibliografia reunida sobre a imigração para o Paraná encontra-se na tese de Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira (2002), na Geografia/ USP.

Durante a ditadura liderada por Getúlio Vargas, graças a seu alinhamento na II Guerra Mundial com países da chamada Aliança Eixo²⁸, e em nome do nacionalismo local várias ações segregativas foram fixadas, entre estas vetou-se uso e ensino de língua, existência de bibliotecas, escolas, imprensa e até mesmo negócios comerciais em fábricas, serviços e lojas, com nome de estrangeiros. Como se assinala em matéria veiculada no site do Consulado Polonês, no Paraná, havia mais de vinte títulos de publicações, encerraram 335 sociedades polonesas e, em 1938, 164 escolas polonesas no Estado do Paraná e 36 no de Santa Catarina. O desvario se estendeu, a Santa Catarina com “[...] uma ordem no sentido de que fossem eliminadas dos monumentos e túmulos as inscrições em língua estrangeira” (Malczewski, s.d.).



Figura 10-Totem Memorial da Imigração Japonesa
Figura 11- Capela e palco para apresentações

²⁸ Em 1940 Itália, Alemanha e Japão assinaram um Pacto, formando principais países da nomeada Aliança do Eixo, com posteriores adesões de outros.

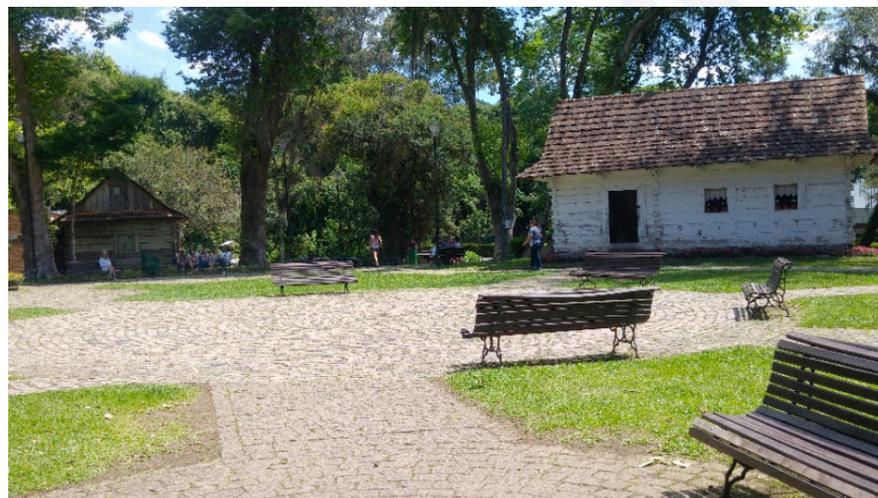


Figura 12 - Museu da Habitação. Foto A. nov. 2018

O denominado Museu da Habitação congrega móveis, tapetes em tear, bordados, vestuário e utensílios domésticos, como algo bem singular, azedador de repolho e, entre o mobiliário encontram-se, armário, cama, berços, mesa e cadeiras, todos com tratamento cuidadoso. A unidade selecionada para abrigar objetos e fazeres centra-se na casa, a merecer curadoria, ilustrativa daquele viver singular sem adjetivação inflamada ou restritiva. Transpõem-se métodos, técnicas, materiais e inserem unidades em área cercada por natureza, ensejando rearticular partes de um tempo pretérito, uma espécie de museu étnico ao ar livre, como outros pelo mundo, a exalar conflitos.

A fricção com o *aqui e agora* evidencia-se com a presença de curadoria melancólica e amenizadora em certos aspectos. Sobre tal questão advirta-se sobre a distância exigida na fruição, organização asséptica dos objetos, escolha do que se vende mais ligado à indústria de recordações sem avançar em outros tópicos culturais – imagens, estáticas ou em movimento, livros, contribuição à ciência, literatura, revistas entre tantos. Parecem dar as costas à era tecnológica, a oferecer inúmeros recursos documentais para as instituições preservacionistas. Bom se mostra algo incomodativo na atualidade, a redução

de cultura a uma espécie de Disneylândia, pois, introduzem pausa e reflexão, no referido cenário circundado pela natureza.

Já a curadoria da parte agrícola apenas alinha por critério de tamanho vários instrumentos introduzidos pelos poloneses, além da carroça puxada por dois cavalos e adornada, diferente da charrete trazida pelos italianos. Em meio às ferramentas, que passaram a ser utilizadas pelos demais em larga escala estão: “[...] arado (*plug*), aradinho de três lâminas (*radło*), grade retangular (*brona*), grade triangular (*bronka*), carrinho sem rodas puxado por cavalo (*sanie*), ventilador para cereais (*mlynek*), foicinha (*sierp*), gadanha (*kosa*), moedor de milho (*żarny*), picador de palha (*siedczarka*), berço balançante (*kolyska*), costurador de pele curtida (*szydło*) (Selenco, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Memoriais, de tal modo auto identificados, coincidem com museus e antimonumento em diversos ângulos, em especial, ao empregar dispositivo curatorial, para se escolher conteúdos reparatórios, expressar desventuras vividas por povos saídos de seu país natal e que efetuaram transformações locais por meio de múltiplas ações, desde laços familiares a ofícios, fala e costumes. Confrontam-se como a tal defesa do nacional xenófobo e limitado, desencadeando fricção e apartando-se de infantilização e atração por tragédia na análise de levas em diáspora e de adoçamento, a disfarçar sentimentos de barbárie. Quando se instituem formas há sempre um discurso oficial e outro subterrâneo, a clamar por questionamento por encobrir interditos.

Memoriais e museus vêm sendo erigidos e colidem com valores naturalizados em idos tempos, seja para que não se repitam atos destrutivos, ou para rememorar a contribuição e sucesso no enfrentamento ante posições adversas passadas. Ambos necessitam de curadoria sintonizada a seu tempo, não para ornar e ilustrar, mas sim debater memória, a compor com crítica relativa ao testemunho material e/ou fazeres e processos, usualmente nomeados por patrimônio imaterial. Tais anseios efetivam-se em marcos, monumentos,

mausoléu, escultura, túmulos, festividades, toponímias, símbolos e sinais com alcance a amplo segmento. Justificam o lado criador do humano desde que questionem e efetuem enorme esforço para contornar resistências. Incorre-se na possibilidade de criar obras inconclusas, por oposição dos que se sentiram atingidos, mas mesmo assim, causam polêmicas e diligências ímpares.

Com tantas obras, memoriais, museus e marcos, que alertam sobre fraturas, contaminações e desastres mortíferos, ainda semeiam-se atos discricionários, com pretensa defesa de identidade nacional, que nada mais é do que imagem lesiva aos países. Embora clamem por ódio, preconceito e destruição, ainda vigente e não apenas entre nós desvelam-se porões e becos lúgubres, somente válidos e abonados por grupos de interesse setorial e acobertado, variado e existente entre laços corporativo, religioso e político, caindo as máscaras, erigida com falso discurso assentado em alta dignidade e propósitos

Observe-se que em Memoriais reside determinada visão de mundo, a incluir de memória à lamentação, em narrativas seletivas e nada imparciais, como se pode à primeira vista entender. Curadoria envolve enredos, logo também nunca é neutra porquanto capta, norteia, defende e, nos melhores, usa de sutileza, sem desprezar a inteligência do visitante, ao multiplicar explicações por palavras. Encarnam formas de luto e cotidianidade, fixadas por percepções a rebater em segmento social, não por simples orgulho de origem, mas perpassadas por seleção, ordenação e intenções diversas. O que fica em comum vivencia-se com indignação e rebatimento no presente, de modo a que ambiguidade, equívoco, ultraje e absurdos não façam esmorecer, mas sim, reflitam luzes para que pessoas se humanizem e busquem focos afirmativos para ao menos resvalar em um mundo distinto, quiçá melhor em face do atual.

Ciça, Verão, 2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agamben, Giorgio. *El hombre sin contenido*. Trad. Eduardo Margareto Kohrmann. Barcelona: Altera; 2005, p.10-1.
- O que é o Contemporâneo e outros ensaios. Chapecó, S.C.: Argos; 2009.
- Profanações. Tradução e apresentação de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo; 2007.
- Assis Filho, Waldir Simões de. Bosque João Paulo II Parque Memorial da Imigração Polonesa *Polonicus*: revista de reflexão Brasil-Colônia. Curitiba Ano III – 1/ 2012. Acesso em 27.01.2019. Disponível em <https://www.polonicus.com.br/>
- Chartier, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL; 1990.
- O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo: v. 5, n. 11, jan./abr. 1991. Acesso em 22 dez. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340141991000100010&script=sci_arttext.
- Cunha, Antônio Geraldo da. Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1982.
- Daskalov, Rumen. *The making of a nation in the Balkans: Bulgaria, from history to historiography*. Budapeste/HU & New York/ UEA, Central European University Press, 2004. Acesso em 20.01.2019. Disponível em <https://library2.deakin.edu.au/>
- French, Howard W. *Goree Island Journal: the evil that was done Senegal. A guided tour. The New York Times*, 6 march 1998. Acesso em 27.07.2019 Disponível em <https://www.nytimes.com/1998/03/06/>
- Ianni, Octavio. Entrevista a Alfredo Bosi em 11.12.2004. Acesso em 02.01.2019. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid
- Le Goff, Jacques. Memória e História. Campinas: Unicamp; 1990.
- Lourenço, Maria Cecília França. Museus: riscos e riscas. Revista ARA (5): 33-55. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revistaara/>
- Lima, Samuel. Clubes de assinaturas: artigos inusitados batem à porta. Porto Alegre: *Jornal do Comércio* 05 fev. 2019 Acesso em 03.02.2019. Disponível em www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2017/05/cadernos/empresas_e_negocios/

- Malczewski, Zdzisław. Os poloneses e seus descendentes no Brasil: esboço histórico e situação atual da Colônia Polonesa no Brasil. Acesso em 5.02.2109. Disponível em https://kurytyba.msz.gov.pl/pt/comunidade_polonesa_no_brasil/
- Santos, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp; 2008.
- Saramago, José. O homem duplicado. Lisboa: Caminho; 2002.
- Selenco, José Marcos. Tradição Polonesa. A carroça é a contribuição polaca para o Brasil. Acesso em 04.02-2019. Disponível em <http://tradiacaopolonesa.blogspot.com/2011/06/carroca-e-contribuicao-polaca/>

Dissertações e teses

- Delong, Silvia Regina. Vitalidade linguística e construção de identidade de descendentes de poloneses no Sul do Paraná. São Leopoldo/ RS: UVRS; 2016, (Tese de doutorado).
- Issberner, Gina Esther. As representações sociais dos poloneses no Memorial da Imigração Polonesa em Curitiba-PR Joinville: UNIVILLE; 2016. (Dissertação de mestrado).
- Kanashiro, Milena, 1968- Paisagens Étnicas em Curitiba: Um olhar histórico-espacial em busca de entopias. Curitiba: UFP; 2006 (Tese de doutorado).
- Lofego, Silvio, Luiz. IV Centenário da cidade de São Paulo: uma cidade entre o passado e o futuro. São Paulo: PUC/SP; 2002 (Tese de doutorado).
- Rahme, Anna Maria Abrão Khoury. Imagens femininas em memória à vida. São Paulo: FAU USP; 2000 (Dissertação de mestrado).
- Santos, Carolina Junqueira dos. O corpo, a morte, a imagem: a invenção de uma presença nas fotografias memoriais e post-mortem. Belo Horizonte: UFMG; 2015. (Tese de doutorado).
- Silva, Mário Augusto Medeiros da. A Descoberta do Insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000). Campinas: Unicamp; 2011 (Dissertação de mestrado).
- Silveira, Marcos Aurélio Tarlombani da. Turismo, políticas de ordenamento territorial e Desenvolvimento: um foco no Estado do Paraná no contexto regional São Paulo: USP; 2002 (Tese de doutorado).
- Norma Chicago: Calibri corpo 11; Espaçamento simples; Alinhamento à esquerda; Espaço depois 10.5pt; Recuo de 1cm na segunda linha (hanging).

- CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

Sites

- Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba https://kurytyba.msz.gov.pl/pt/comunidade_polonesa_no_brasil/
- ETAR <http://www.etar.org/expozicii/sakovaen.htm/> Acesso em 17.01.2019
- FUNDAÇÃO Cultural de Curitiba <http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/espacos-culturais/memorial-da-imigracao-polonesa/> Acesso em 27.01.2019
- Jornal do Comércio*/ Porto Alegre/ RS, <https://www.jornaldocomercio.com/> Acesso em 05.02.2019.
- Lisboa Capital Ibero Americana Acesso em set. 2017. Disponível em <http://lisboacapitaliberoamericana.pt/pt/apresentacao/>
- MEMORIAL da Escravatura <http://www.pordentrodaafrica.com/reportagens-exclusivas/memorial-da-escravatura-fara-portugal-encarar-passado-que-tenta-evitar/> Acesso em 15.01.2019
- NORSK Folkemuseum <http://norskfolkemuseum.no/en/king-oscar-iis-collection/> Acesso em 04.02.2019
- NÚCLEO de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos <http://www.neab.ufscar.br/> Acesso em 21.01.2019
- POLONICUS <http://www.polonicus.com.br/arquivos/pdf-pt-2012/>